



Poesia





“Muiômbô wa Kabinje”
Lembra este desenho que os menos afortunados têm igualmente
direito a ser tratados com humanidade.



O AMOR TEM ASAS DE OURO
Antologia da Poesia Feminina Angolana

Copyright © 2005, Seomara Santos & Filomena Gioveth,
by Vários Autores & UEA

Capa

Desenhos na areia
Cokwe/Sonia

Título

Verso tirado de um poema de Natália Correia
(Escritora Portuguesa)

Designer Gráfico e Impressão

Zoomgraf-k

Deposito Legal N.º 2731/05

Tiragem

1.000 exemplares

1.ª Edição: Luanda, 2005

Colecção «Guaches da Vida» N.º 21
Todos os direitos desta edição à UEA

Email: uea@uea-angola.org

uniaoea@yahoo.com.br

Site: www.uea-angola.org

Tel. 322421/323202 Fax. 323205

FILOMENA GIOVETH & SEOMARA SANTOS

O AMOR TEM ASAS DE OURO
Antologia da Poesia Feminina Angolana



União dos Escritores Angolanos
«Guaches da Vida»





Índice





· Ana Branco (1967)

Do Livro:

«A Despedida de Mim»

Edição/UEA

2004

- Amor Insano	31
- Perpetuação do Amor	32
- Talvez Numa Noite	33
- Ilusão	34

· Ana de Santana (1960)

Do Livro:

«Sabores Odores & Sonho»

Edição/UEA

1985

- Xicala	37
- Ralhete	38
- Canção Para Uma Mulher	39
- Aos Homens da Noite	40
- Longe da Cidade	41
- Desafio	42

· Anny Pereira (1951)

Do livro:

«14 Poemas em Abril»

Edição/UEA

1998

- Perdão 45
- (Inter) textualidades 46
- não me peças sorrisos 47
- De tudo, às nossas vidas (...) 48
- Posse 49
- Sinestesia 50

· Alda Lara

Do Livro:

«Antologia no Reino de Caliban II»

- Revolta 55
1948
- Presença 56
Lisboa, 1952
- Circulo 57
1954

· Alice Palmira (1944)

Do livro:

«Mulemba da Saudade»

Edição/UEA

2004

- A Mulemba da Esperança	61
- Minha Poesia	62
- Uma Menina Divertida	63
- Nem mesmo o céu (...)	64

· Carla Queiroz (1968)

Do Livro:

«Os Botões Pequenos Sonham com o Mel»

Edição/INIC

2001

- Insulto	67
- Eternas Vítimas	68
- Fixa-te em mim... ..	69
- Discurso com Cachimbo	70
- Confissão	72
- Lamento	73

· Cecília Ndanhakukua (1975)

Do livro:

«Insónias Líricas»

Edição/Nzila

2002

- Relembrar	75
- Canção do amor	78
- Divórcio definitivo	79
- Traição	80
- Consolação	81
- Desespero	82

· Chô do Guri (1959)

Do Livro:

«Vivências»

Edição/Autor

1996

- África	85
- Teu Destino Minha Mãe	86
- Porquê Fingir	87

Do Livro:
«Morfeu»
Edição/Autor
2000

- Voltei	88
- É O Sonho Lúgubre da Vida	89
- Vem!	90

Inéditos

- Ser Mulher	91
- Rainha dos Prazeres	92
24-01-99	
- Ó Poesia	93
- Chove na Quibala	94
- Minhas Lágrimas	95

· Deolinda Rodrigues (1939)

Do Livro:
«Diário De Um Exílio Sem Regresso»
Edição/Nzila
2003

- À Mamã	99
----------------	----

· Isabel Ferreira (1960)

Do livro:

«Nirvana»

Edição/Kilombelombe

2004

- Vou embora 103
- Desilusão 104
- Marginal do teu corpo 105
(a confissão do outro)
- Do homem para homem 106
- (Des)abafos 107
- Entre alma e lençol 108

Kanguimbo Anánaz (1959)

Do Livro:

«Seios do Deserto»

Edição/BJLA

2002

- O Tempo 111
- Noite de Luar 112
- Sozinha 113
- Coração 114

· **Leila dos Anjos (1981)**

Do Livro:

«Anjels»

Editor/ UEA

2005

- Meu Lindo Amor 117
- Lamentos De Uma Vida Descalça 118
- Anjo Meu 119
- Levanta-te E Vai 120
- Um Grito No Escuro 121

· **Lília da Fonseca (1961)**

Do Livro:

«Antologia No Reino de Caliban I»

Edição/Ciara Nova

1979

- Uma Canção na Noite 125
- Bandeira Branca 127
- Sobressalto 138

Do Livro:

«Antologia No Reino de Caliban I»

Edição/Ciara Nova

1976

· Maria Alexandre Dáskalos (1957)

Do livro:

«Do Tempo Suspenso»

Edição/Caminho

1998

- Talvez o nosso corpo 133
- Ternura de um pequeno 134
- Amor é fiel 135
- Primeiro Amor 136
- Quando não há mentira 137

Do livro:

«Lágrimas e Laranjas»

Edição/Caminho

2001

- Fugi do ouro 138
- Saudade 139
- Trouxeram-me as cartas 140
- Aquelas mulheres do Huambo 141
- Escoava-se toda a chuva 142

· Maria Celestina Fernandes (1945)

Do livro:

«Poemas»

Edição/UEA

1995

- Dia da mãe 145
Luanda, Maio 1993
- Março Mulher 146
Luanda, 08 de Março de 1992
- Solitária 148
- Amar 149
- Canto ao amor 150

Do livro:

«O Meu Canto»

Edição/UEA

2004

- Felicidade 151
- Angústia 152
- Minha mãe 153
- Lágrimas Invisíveis 154

· **Maria Amélia Dalomba (1961)**

Do livro

«Ânsia»

Edição/UEA

1995

- A Saudade 157
- Aos teus olhos 158
- Dedicção 159
- Aquele sorriso 160
- Cabinda, 1998
- Sem palavras 161
- Nov, 92
- Saudade 162

Do livro:

«Noites Dita à Chuva»

Edição/UEA

2005

- Herança de morte 163
- Ai de amor 164
- Mulher de dor e flor 165

· Maria Eugénia Neto (1934)

Do livro:

«Foi Esperança e Foi Certeza»

Edição/UEA

1979

- Hoje decidi... 169
- Asas Brancas dos Confins
do Meu Sonho 170
- Brazzaville, 25-08-1966

Do Livro:

«O Soar dos Kissanges»

Edição/NZILA

2002

- Amor 172
- Luanda, 1989
- Chuva 173
- Luanda, 22 de Março de 1989
- Paisagem 174
- Luanda, 1989
- Ser Mar 175
- Luanda, 1989

· Maria Fernanda Baião (1961)

Do livro:

«Minhas Lágrimas»

Edição/Nzila

2003

- Ânsia	179
- Hoje sou	180
- Quem	181
- Finalmente	182

- Paula Tavares (1952)

Do Livro:

«Ritos de Passagem»

Edição/UEA

1985

- O Mirangolo	185
- A Nêspira	186
Luanda, 84	
- O Amor Impossível	187
Luanda, 84	

Do Livro:
«Lago da Lua»
Edição/Caminho
1999

- No lago branco da lua... .. 189
- MUKAI (3) 190

Do Livro:
«Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos»
Edição/ Caminho
2001

- Amada... .. 191
- O Cercado 192
- Mulher VIII 193
- As Viúvas 194
- A Mãe e a Irmã 195



A poesia não tem rótulos
Filomena Gioveth & Seomara Santos



“Em sentido radical
não há nada a dizer de um poema,
pois é ele mesmo
o dizer supremo”,
de
Eduardo Lourenço,
in «Tempo
e Poesia»

Assumimos que a colectânea «O Amor Tem Asas de Ouro»,
é um projecto parcial e divulga o lado mais lírico das mulheres
angolanas poetas, para que o leitor sinta essa peculiaridade de
vozes com alguma felicidade e deleite.

Queremos que a nossa selecção, apesar de ser abrangente,
de maneira geral, mostre o incansável labor criativo, o traço
rigoroso das metáforas e alegorias com grandes rasgos plásticos
capazes de sensibilizarem ou tocarem os egos dos leitores, melhor
ainda, um acervo que se constitui também como um elemento
de modernização da poesia angolana, manifestação literária que
domina o nosso panorama literário cultural e que faz cristalizar
o epíteto de que «infalivelmente, somos um País de poetas».
Acrescentaremos sem qualquer dúvida: de grandes poetas.

Alguma generosidade passou pelo nosso aturado ofício de selecção, interessa confessar, apesar de, naturalmente, seguirmos os critérios mínimos de exigência estética e o gosto pessoal que entra sempre nos processos de selectividade dos diversos conteúdos. Muitas foram as vezes que ouvimos e registamos os gostos das escritoras em conversas distendidas aquando das suas visitas ou participações nas diversas actividades da Instituição. Nunca tivemos a pretensão de pensar que, numa atitude de isolamento, pudéssemos conseguir fazer o trabalho com maior eficiência. Queremos que a presente colectânea seja um ponto de partida; outros farão colectâneas com propósitos muito mais restritivos que coloquem ênfase nas diversas correntes existentes.

Não pretendemos entrar na polémica sobre o «género» na poesia angolana. Se o fizéssemos, certamente ficaríamos em lugares-comuns que não podem enquadrar a poesia porque, como muitos poetas defendem, «A poesia não tem rótulos»; é algo que faz parte das nossas entranhas. Ana Paula Tavares, poeta e historiadora, em entrevista concedida a Cláudia Pastore da USP, quando perguntada se a “poesia angolana pode ser abordada como uma poesia de género”, respondeu o seguinte: *“Até muito pouco tempo, isto não era preciso. A voz da mulher realmente não tinha uma identidade, embora houvesse vozes femininas que tinham construído seus trabalhos em determinados momentos, como a poesia sobre a terra... Mas eu penso que essas mulheres, incluindo dentre elas Alda Lara, não tinham ainda uma consciência das particularidades do “eu feminino” dentro daquele universo”*. E conclui: *“É muito difícil nós falarmos da poesia de género...”*. A entrevista pode ser lida integralmente no site da UEA (www.uea-angola.org), link «Entrevistas» que conta já com mais de 40 entrevistas de escritores e ensaístas. Sabemos todos

que existe uma temática que traz para o centro da poesia angolana a problemática à volta das inquietações das mulheres numa sociedade africana como a nossa. Olhamos para a vida política e económica e concluimos que ainda não estamos bem representadas. Interessa, acima de tudo, que, nos diversos discursos, esse mesmo «eu feminino» construa o seu verbo, partilhando espaços, interesses e fazendo convergir as utopias.

Como o País vai tomar gosto pelas antologias, outras escolhas mais selectivas virão, excluirão mais ou ampliarão esta colectânea para que se possa sistematizar todos os possíveis conteúdos à volta da poesia angolana. Esta colectânea é quase o registo completo, um inventário incontornável da poesia assinada pelas mulheres ainda pouco representadas na História da Literatura Angolana, se não, vejamos, só no ano de 2004, com a chancela da UEA, colecção Sete Egos, foi editado o segundo romance escrito por uma mulher, Celestina Fernandes, com a obra «Panos brancos».

É mais um desafio que, na verdade, tem um grande condão para nós, o de levar-nos a fazer leituras constantes da nossa poesia, estarmos muito mais atentas e com um sentido de responsabilidade que deixa sempre o seu lado positivo: uma vida de realizações, de projectos e essa aventura teve horas e horas inolvidáveis de convivência, conselhos, exigências e debates com a nossa incansável e afável orientadora, Prof. Dra. Laura Padilha, nossa «tia», e das oportunidades que nos foram dadas institucionalmente pela Direcção da UEA.

Obrigadas.

Filomena Geovethy e Seomara Santos



Ana Branco^{*}

Ana Maria José Dias Branco nasceu na Lunda Norte aos 24 de Maio de 1967.
Obras Publicadas: «Meu Rosto e Minhas Magoas» (1997) e «A Despedida de Mim» (2004).



Amor Insano

Ao amor todos os dias me refiro,
Pois digo para mim: “Amo um amor insano”,
Aquele que ministra minha vida traiçoeiro
Surgindo com ímpeto, mas ameno.

Tu a quem recordas welwitschias* e violetas
Que ferozes acariciam desejos sobre a mais bela crença
Coleccionando teus amores frágeis e Pagões.

Tu que fazes de nós os melhores poetas
Que te deitas ao mundo com toda a graça
E nem reconheces quem é, teu sangue e teu irmão.

Tu que a todos os que te amam inquietas,
E com impulsos animais e cobiça,
Entrelaças uma vida só em tuas mãos.

* Planta das regiões desérticas de África

Perpetuação do Amor

Talvez um dia virá o amor para me salvar,
E dar-me toda a sabedoria de onde começou a vida
E onde terminou a dor.
Mas esse amor nunca andará só.
Terá a paz num abraço...
E no outro trará a inquietude e sossego.

Ninguém festejará
O fim do sonhar, porque;
Perder-se-á a guerra.
Morrerão os soldados,
E finalmente perpetuar-se-á o amor...

Talvez Numa Noite...

Talvez numa noite airosa,
Poderás saber afinal...
O quanto deixei minha vida fugir venenosa

Por medo que acabasse esfomeada,
Seca das dores da entrada.
Corri, fugi de ti
Para outro ir namorar que linda era a brisa.
Julguei que assim pudesse apagar,
O fogo que arde em mim de tanto te amar.
Mas não... Persiste esse amor a manejar minha vida.

Pobre atormentada sou eu,
Porque assim quis,
A quem o destino criou.
Passaste por mim, meu amor, meu caminho,
E eu mudei de direcção.

Ilusão

Meu coração lágrimas em sangue,
Ao ouvir a voz chamamento do diabo.

Amo-te e tu vês, não sentes, nem percebes.
Que desejo enorme recorda-me...
O fatal sabor de sangue e,
O suicídio em cataratas que até me seduz.

Vontades loucas ao agarrar ilusões,
Deste amor falso em competições amigáveis.
Meu coração pobre enegrecido,
Explodiu de saudade de não mais saber amar.

O carinho em teus olhos era quase
Uma verdade.

O sono demorava a chegar.
Era como se fosse alguma primeira vez...
Que pena gasta-se a vida em nada,
E corre-se por tão pouco
Que no final, falta-nos a coragem de alcançar,
O que mais raro nos é.



Ana de Santana*

Ana Paula Santana nasceu no Kwanza Sul aos 20 de Outubro de 1941. Obra
Publicada: «Sabores Odores & Sonho» (1985) Cadernos Lavra & Oficina n.º 53.





XICALA

Trazia o recorte
das tuas ancas
na mão
picotado

água doce
pelo olho do côco,
foi-se o traço
na palma esquecida
pelo dentro da areia

enquanto o silêncio nos olhos.

Restou a boca
aberta ao mufete
na ponta dos dedos
e
a lembrança
para o contar
das tuas conchas
ao vento,

ainda o mar na pele.

Ralhete

Não me cobres
histórias de adormecer
quando o obus
rebenta no quintal
não me peças luz
se as janelas estão trancadas
não me lembres dos traumas
nem fales de fantasmas
quando eu sonho com
todos os companheiros
que sinto perder na batalha
a cada tempo
não me perguntes sobre o amor
que não tive
nem pelo coração, que esse,
faz tempo, jaz gelado
na granada do meu peito.
Porque procuras os meus olhos
se há muito foram perfurados
pelos estilhaços?
Como te atreves a querer
que te dê a mão se ainda agora
a ofereci em troca de pão?
E, sobretudo, não me perguntes
pelo que não disse
pois a minha boca
há muito se fechou à força
do fuzil do homem
que em mim te semeou.

Canção para uma Mulher

Nunca me falaste
da tua música
estuprada à força do falo,
nem me contaste
das partículas que
pacientemente raspaste
ao sol para fecundar a terra.
Apenas dizes dos braços
cruzados à volta do filho
ou do milho a colher.

Sempre espero, pacientemente,
tua boca liberta,
pelas mãos mostrando o sol
e
pelos teus filhos contando-te
da vida que semeaste.

Aos Homens da Noite

Queria dizer-vos
do melhor retrato que colhi
do vosso mais querido fantasma.

Mas,
eis que o escárnio irrompe
de dentro das vossas braguilhas
descaradas.

Vale-me a sensatez da música
dizendo em ritmo de semba,
da mulata côr muamba
e lábios pitanga

e solta-se a minha gargalhada
na noite.

Longe da Cidade

Havia a felicidade
no alto do morro,
do perfil da música

do bico do pássaro.

Assim mesmo
como em momentos
nos guarda-jóias
buscados apenas
quando se deve

acreditar na sementeira.

Vai havendo a impotência,
que é trágica
quando não comedida,

no montar do sorriso.

Assim também
como o dente trincando
a maçã da imagem

na sacristia.

Desafio

De sangue na ponta
lança desafio a palavra
jorrada do colo tão nosso,
tranzido.

Trata-se apenas
de a encontrar
neste saco placentário
em frase
e a voz para a dizer
pelo furacão em transe

cumprindo o tempo
do poema parido assim
em desespero
quando de paz se quer
alado, se desfaz
como suspiro na boca
ao lado.

Anny Pereira*

Anny Pereira nasceu no Bié aos 2 de Janeiro de 1951. Obras Publicadas: «Catorze Poemas em Abril» (1998), Menção Honrosa do Grande Prémio Sonangol de Literatura e «Uma Vez Só Não Basta» (1998), Prémio Literário António Jacinto.



Perdão

A ti, meu irmão
que ainda ouves o canto das cigarras
a ecoar na noite que não desejaste.

A ti, meu irmão
que a noite que não desejaste
se transformou no dia
que não sonhaste

a ti, meu irmão
eu peço perdão.
Perdão, por ser igual a ti
e não desejar sê-lo.

(Inter) textualidades

*(Para o Né,
um dos paradoxos da Intertextualidade)*

Eu queria escrever-te uma carta, amigo
uma carta que falasse
desta vontade de correr e de voar,
de agarrar as estrelas no céu,
e de soltá-las na praia deserta de Santiago.

Eu queria escrever-te uma carta, amigo
uma carta que falasse
dos sonhos desfeitos que nas noites cálidas
se cruzam, se misturam e se confundem
com sonhos utópicos não possíveis
nem mesmo no reino encantado de Passárgada.

Eu queria escrever-te uma carta, amigo
uma carta que falasse
da vontade de contigo dançar uma rumba
com o canto do «sim» a desafiar
todos os «nãos» da minha actual existência.

Eu queria escrever-te uma carta, amigo.
Mas porquê, porquê, porquê amigo
que as palavras não ocorrem
e tu, oh desespero!
Nunca mais poderás ajudar-me a fazê-lo.

não me peças sorrisos
que ainda ecoa no meu peito
o grito pungente da mãe que perdeu o filho

não me peças sorrisos
que ainda sinto na carne
a dor dilacerante do fogo a rasgar-me o seio

não me peças sorrisos
que ainda vejo nas esquinas
o sangue dos membros que a terra amputou

não me peças sorrisos
que ainda trago nos sonhos
as marcas dos obuses nos céus do meu imaginário

mas, sobretudo,
não me peças sorrisos
que ainda vislumbro no escuro
os olhos sem brilho e sem esperança
dos meninos de rua,
que não sonharam o sonho
que a tua mão lhes traçou

De tudo, às nossas vidas estarei atenta
antes, agora, depois, sempre e de tal jeito,
que mesmo que a um de nós falte o alento,
cada vez mais o nosso abraço será estreito.

E se por algum motivo e em algum momento,
me faltar de algum modo a «tal» coragem
e a dureza dos dias me turvar o pensamento,
possa eu ainda recobrá-los numa qualquer mensagem.

E assim, quando um dia me releres
à sombra imensa do nobre embondeiro,
que amaina o calor das gentes e da terra

tu possas ainda sentir-me toda inteira,
e cortares as «amarras» com uma serra
sem nem mesmo disso te aperceberes.

Posse

Deitei-me sobre o teu cansaço,
na esperança de trazer-te o descanso
que há tanto tempo em vão procuras.

Cobri teu corpo
e tive-te, e perdi-te ao alvorecer,
quando tudo se confunde
e a noite é dia, e o dia é noite,
e as estrelas são o instrumento
dos nossos sonhos e dos nossos êxtases.

Encontrei-te depois,
quando te perdeste e me encontraste também,
e já o dia amanhecia outra vez...

Sinestesia

À página «cento e vinte e sete» de Gedeão

A ti,
que eu não conheço e amo
com a intensidade das marés
em dia de calema na restinga do Lobito



A ti,
que eu não conheço e amo
com as cores das queimadas
que iluminam os planaltos do Huambo e do Bié

A ti,
que eu não conheço e amo
com o cheiro a mangas e maresia do Mussulo

A ti,
que eu não conheço e amo
no café torrado do Kwanza Sul e Kwanza Norte

A ti,
que eu não conheço e amo
com a doçura de itebe e saka-foya de Cabinda

A ti,
que eu não conheço e amo
e ainda degusto no veado e na pacaça da Quiçama



A ti, meu amor
eu ofereço toda a sinestesia
desta terra onde nasci
e onde espero um dia conhecer-te.



Alda Lara*

Alda Lara (1939 – 1962). Obras publicadas: «Poemas» (1966), «Poesias» (1979), «Tempo de Chuva» (1973).



Revolta

Quero, e não quero!...
Creio... e Desespero!...
Renego, mas Aspiro,
E em cada vira-volta,
Mais grito e mais me firo!...
Aonde esperei, não espero!...
Aonde Desejei, já não desejo,
E se algum dia Vi,
Hoje não Vejo!...

.....

Deus,... ó Deus!...
Para que lado ficam os teus céus?!...
.....

Presença

Não pergunte porque vim...
trazendo não-flores nos dedos,
falando línguas diferentes,
dizendo em risos-segredos,
todos os sonhos dementes...

Não pergunte porque vim...

Se pudesse entender
este pulsar sem medida
terias chegado ao fim...

Mas estou junto a ti,
irmão,
diz-me então,
que mais te importa?

Não pergunte porque vim...

Círculo

Todo o caminho é belo se cumprido.
Ficar no meio é que é perder o sonho.
É deixá-lo apodrecer, no resumido
círculo, da angústia e do abandono.

É ir de mãos abertas, mas vazias,
de coração completo, mas chagado.
É ter o sol a arder dentro de nós,
cercado,
por grades infinitas...

Culpa de quem, se fiz o que podia,
na hora dos descantes
e das lidas?

Ah! Ninguém diga que foi minha!
Ah! Ninguém diga...

Minha, a culpa,
de ter dentro do peito,
tantas vidas!...



Alice Palmira*

*Alice Palmira nasceu em Brazzaville (R.Congo) aos 7 de Setembro de 1944. Obra Publicada: «A Mulemba da Saudade» (2004).



A Mulemba da Esperança

A mulemba do Huambo
É também a mulemba de renascer
E vim replantar o meu sentido ao pé de ti
Havemos de nos encontrar um dia para nos perdoar

A mulemba da saudade
É também a mulemba do nosso ponto de encontro semanal
O homem vale o que vale pelas suas armas
Havemos de nos encontrar um dia para nos unir

A mulemba da esperança
É também a mulemba do regresso ao país, da qual nos
Sentamos a contemplar a paisagem para escrever a
Literatura e o jornalismo da nossa terra Angola
Havemos de nos encontrar um dia para dar-nos kandandu

A Minha Poesia

Dá-me a tua luz
A verdade do teu olhar
Não é mal nenhum escrever meu nome
Não é mal nenhum escrever poesia
Não é mal nenhum escrever teu nome
Não é mal nenhum escrever teu gozo
Não é mal nenhum escrever liberdade
A paz
O amor
A bondade
A mansidão
A temperança
Dá-me a tua luz
A verdade do teu olhar
Onde vai a poesia?
Onde pára a poesia?
Se a sinceridade e a poesia dói, isto é
Escrever um poema.

Uma Menina Divertida

Eu, Palma,
Tinha perdido a segurança de criança
Em troca não tinha ganho nada

Entretida com a incessante novidade das coisas
Eu era uma m'bundu divertida
Eu, Alicita, para além dos meus estudos
A leitura era uma das grandes paixões da minha vida

Apesar de todas as dificuldades
É uma grande alegria escrever
O sabor da aventura literária é louca

Ter um entendimento radical
Com alguém muito especial
É um enorme privilégio
Tinha tanta confiança nele
Que ele me garantia uma segurança definitiva

Devido à vida dramática no início de Julho
Eu sabia que ele nunca mais sairia da minha vida

Nem mesmo o céu
Nem as estrelas
Nem mesmo o mar
Podem ter tempo
Para fazer-me sofrer
Quero sentir no peito
O calor tropical

Carla Queiroz*

· Carla Queiroz nasceu no Kwanza-Sul em 1968. Obra Publicada: «Os Botões Pequenos Sonham com o Mel» (2001). Prémio António Jacinto.



Insulto

Insultei o insulto às coisas tortas
A voz estridente dos vivos
Violou a surdina dos anjos
E a perícia dos que amamos

Mas,
Não aceitei a chapada desajeitada daqueles
Perdi a certeza e a vontade de largar
o aperto ao meu ventre constipado e doentio
E senti o paladar da voz
que tristemente ia perdendo

No entanto,
Adorei o sentido tétrico do cognus e da pedra
E me ri do rio nu
que desnuda o corpo da água
das aves espertas que chafurdam
a crueldade dos troncos
onde resmunga o salalé

Por isso,
Assumi a lembrança daquela festa
O encontro dos amigos que aplaudiam
os guerrilheiros
A glória e a marcha ao novo reino

Eternas Vítimas

Acorrentem as vozes
de quem não tem bico
Feiticeira hora
que julga os insepultos
Castiguem a mancha berrante
retida nos olhos
Suspirem os sonhos
Como louca mania
Sob os auspícios da lua e da poesia

Violentem as epopeias mestiças
Cuspidas nas heces-fecais dos Deuses
Odisseias e prosopopeias
Darão corpo
 À mística corrosão
De que sois, afinal,
 Eternas vítimas

Fixa-te em mim
na voz
na luz
na cruz
Reclamando um avião
que rompa teu vento
e irrompa de mim
à boa mania de animal
que deseja erguer-se no vôo da andorinha



III

Bom-dia!
Bom destino!
Pódio, carcamano
Castigo à gramática do sonho
A paixão pelo transe e pela flor do desamparo
Decomposição célebre
 Do espírito do sapo
 Que mata a magia do cachimbo.

Confissão

Confesso
Que vivo no olho da mágoa
Suspirando o ardor da folia
Castiça senhora das águas errantes
Embalada na flor
Enfeitada no jardim do moço bonito
que já não amo

Confesso
Que vivo na pureza insensível do meu mosquiteiro
Retratando a doença
Que renasce do meu retrato
Desenhada como o diamante que me rouba o sustento
Ebugalhando a sina dos peregrinos
Incorporando na cena
a taquicardia da sobrevivência

Confesso
Que vivo sem o pequeno concenso
Sem a pesquisa e sem a força
do papagaio e dos arcanjos
Que protegem a razão onnipotente dos meus jornais e baloiços
Confesso
No fundo, no fim
Que vivo no texto cômico e sábio do herói
Na tagarelice das vísceras da minha desilusão
Costurada ironicamente
Como fardo trivial dos outros compadres
Na comoção bastarda do meio-dia.

Lamento

*Ao
Pepetela*

I

Lamento ser a cor
Que mais não sou que um talvez
Sou um vazio num espaço
Sou uma agulha num deserto.
Sem terra me consideram
Sem identidade me julgam
Sou um por quê
Dentro do que é.

II

Lamento ser
Quem mais não sou do que o talvez
Sou o sonho em dia quente
Sou a ilusão no vazio
Sou o desejo que procura fundamento
Sou o que mais quero
Dentro de tudo que não tenho
Sou o que sou
A pequena e bela dúvida
Que inspira a poesia
A mulher e o desejo
Que torturam a espera
Com a ânsia e a lamentação
Sou o que sou
Dentro de tudo
Que já é



Cecília Ndanhakukua*

*Cecília Ndanhakukua nasceu no Ondjiva aos 9 de Janeiro de 1975. Obra Publicada:
«Insónias Líricas» (2002).





Relembrar

São meus ainda
Os fragmentos de aroma
Deixados por ti
Em meus lençóis

São viventes ainda
As tuas canções
Cantadas no meu ouvido
De mulher apaixonada



Sem eco
Sem vibração
Nem expressão de rima
São meus minhas ainda
Os gemidos soltos de mim
 Na madrugada
Duas horas antes de partires
Com destino sem regresso

São enfim ainda minhas
Estas vivências sem retracto



Canção de amor

Alimentam a madrugada
presente na paixão
De uma eterna fogueira
Cantando
Canções do tempo
Relembrado nos abraços de amor



Divórcio definitivo

Canto-vos esta canção
De dor
De prazer

O seu interior tem eco
Voz da voz calada
No âmago do meu ser mulher

Esta canção arde
Em combustão de dor
Paixão do meu viver



Traição

Amores traídos
Promessas falsas
Filhos esquecidos
No destino do tempo
Esquecidos no tempo
Fúnebre da tempestade

Eu sou a solidão do tempo
Vento sem eco
Vento sem voz
Vento sem rebento
Exposto ao sol ardente

Consolação

Como Pérola saciável
Alma encantadora
Eu canto-te esta canção de nostalgia
Audácia de um percurso de amor

De uma mulher
Vibração e encanto da vida
 Esta canção
 que em cada se renova
 Esta,
 Esta canção tem sabor de amor puro



Desespero

Não suporto as horas
Os dias
As semanas
Os meses

Não suporto a tua ausência
Perdida neste tempo
Fingindo estares de volta para breve
Sem previsão do tempo

Não suporto a tua demora

Chó do Guri*

· Maria de Fátima (Chó do Guri) nasceu no Kwanza-Sul aos 24 de Janeiro de 1959.
Obras Publicadas: «Vivências» (1996), «Bairro Operário» (1998) e «Morfeu» (2000).



África

Abraça-te a lua
cheia de luz macia e nua

cálice dos amores furtivos
cor do arco-íris
fluido de risos

na dança dos cristais
descobre o rosto grinalda

natureza solene florida
licores dos vales pântanos e florestas
de pernas entreabertas

nas montanhas do teu corpo ébrio
o misticismo dos deuses insalubres
com desejos dilatados
levam o verde esperança
ao mercado da ignorância

Teu Destino Minha Mãe

O teu olhar triste e sereno em cada esquina
são lágrimas que fluem do teu rosto
por um coração cheio de dor
apagaram dos teus lábios a palavra amor
que por uma vez se agigantou
deixando marcas de temor

Quantos cantos ao luar
quantas promessas conjugais
quanta poesia sexual
quantos ciclos sentimentais

O tempo apagou as feridas
mas deixou o destino às escuras
de quantas meninas paridas
diz-se de negro olhar

Foram muitos os temporais
porque passaram muitas mães
mas o mais negro temporal
veste-te de preto minha Mãe

Porquê Fingir

Fingir!!!

Fingir que não sinto...
quando tuas mãos correm subtis no meu corpo

Fingir?

E esvaír-me nos sentidos obscuros
da minha alma invisível
depauperada
carne consumida
dividida
ou estro sem fim?

Porque fingir?



Voltei

Voltei!
Voltei para dizer
te
quanto mordes
te
meus lábios

ainda insuflados
de tanto te amar
se
ave
ludaram
ansiando os teus

É o Sonho Lúgubre da vida

Uma lágrima teimosa escorre
aponta a música sombria
no interior da alma

rangem os dentes
que rasgam o ar
em cada poço da vida amedrontada

as tumbas mais profundas
escondem os frutos desgastados da terra

a terra em homilia
liberta o incenso
p'ras almas fustigadas
como se fossem extraterrestres
...é o sonho lúgubre da vida

Vem!

Vem!
Toca-me de mansinho
ainda te sinto na força interior do meu desejo

Sente!
Sente o teu cheiro que ficou em mim
e vem
Vem socorrer-me dos mil beijos de vento
das correntes das águas que acariciam o meu corpo

Deixa!
Deixa novamente penetrar o teu desejo ardente
ainda que ausente
meu corpo ainda o sente

Mas vem!
Vem, sente e deixa-me fazer somente
nos braços da brisa que me beija docemente



Ser mulher

Ser mulher
é amar a vida
no útero do universo

na humanidade
a esperança
viver certezas

é vomitar prosperidade
fecundar sem esperma
amar amar amar
com o beijo fértil da terra

Rainha dos prazeres

À minha mãe (Maria Quibala)

Negra!
Rainha dos prazeres
Sorria encabulada
Já comi tua moamba
Traz maruvo ou kissângua
P'ra engolir as malambas

Despi o cansaço
No teu loando
P'ra dar vida a mulata
Que trazias nas entranhas

... que nome deste a garota?

Ó poesia!

Ó poesia!
A aura do teu sorriso
Tira o queixume do mundo
quando se abre emaculado
Pr'o parto plúmeo das palavras

Deusa de belezas ocultas
No mundo floresces
Dás força à vida

Deixa-me!
Deixa-me só(mente) sorver
O fluído das palavras luzidias
Aspergi-las como água benta
Para irmandade entre os homens
Ó poesia!

Chove na Quibala

Lá aonde a chuva é mais forte
grita a pedra
esmerilando
batuque dos trovões
nos quimbos da Quibala

Sorri
na carapinha
da negra escarumba
que roga
com preces e cantigas

Cai chuva
chora pedra
aos caçadores
pescadores
e a gente da machamba
não dá tréguas



Minhas Lágrimas

Minhas lágrimas
são ondas da saudade
que o tempo cristaliza

no cálice da tua ausência
engulo dor
vomito suspiro
porque as nuvens espessas nos meus olhos
o destino dissolveu-as em Julho



Deolinda Rodrigues*

Deolinda Rodrigues de Almeida (1939 – 1967). Obras publicadas: «Diário de Um Exílio Sem Regresso», (2003), «Cartas de Languidila» (2004).



À Mamã

África
Mamã África
Geraste-me no teu ventre
nasci sobre tufão colonial
chuchei teu leite de cor
cresci
atrofiada mas cresci
juventude rápida
como a estrela que corre
quando morre o nganga.
Hoje sou mulher
Não sei já se mulher se velhinha
Mas é a ti que venho
África
Mamã África.

Tu que me geraste
não me mates
não praguejes um rebento teu,
senão
não tens futuro.
Não sejas matricida
Sou Angola, a tua Angola.

Não te juntes ao opressor
ao amigo do opressor
nem a teu filho bastardo.
Eles caçoam de ti.
Caíste na ratoeira

enganada
não distingues o verdadeiro do falso
no teu cândido e secular vigor
cegaste,
e agora és tu
África
Mamã África
que dás força ao irmão bastardo
para asfixiar-me
 azagaiar-me pelas costas.
O opressor, o amigo do opressor
o teu filho bastardo
(também tu, Mamã África?)
divertir-se-ão
ao ouvir-me expirar.

Mas África
Mamã África
P'lo amor da coerência
Inda quero crer em ti.

Isabel Ferreira*

* Isabel Vicente Ferreira nasceu em Luanda aos 24 de Maio de 1960. Obras Publicadas: «Laços de Amor» (1995), «Caminhos Ledos» (1997), «Nirvana» (2004) e «Ternando D'Aqui» (2005).



Vou embora

Vou embora amanhã
levo a cratera, o frémido...
A neblina dos meus olhos
deixo-ta como lembrança

Nos dias de solidão
não terás a minha mão
suave como a seda
na tua frente furacão!

Vou embora amanhã
levo apenas os chinelos
aqueles que me deste
no dia dos namorados

Vou embora amanhã
deixo tua soturna sombra...
No teu quarto a penumbra
não apagará o meu penedo...

Desilusão

Caí em letargia...
Meu sonho adormeceu profundamente...
Ficou num par de fronhas virgens...
Estreadas em noites de volúpia...

Sonho bordado
Nas fronhas dum hotel
Vidas aneladas
Pontos cheios de suspiros sem gemidos...

Juntos dormimos
Mas nossos sonhos
Esses!
Adormeceram
Num par de fronhas...

Marginal do teu corpo (a confissão do outro)

No teu corpo adormeço
Horas longas permaneço
No asfalto da noite...
Revejo cenas do dia

Repasso actos alheios
Extasiado!
Vejo-te...virgem... Beijo-te nua
Serena só para mim!

Viro-me todo... Abro tudo...
Cuidados me cercam
Tuas curvas lânguidas... imagino:
– invejo o prazer alheio:
– deixo fluir as mágoas
Beijam-me águas luandinas
Na curva da madrugada...

Sinto a maresia
A farfalhar-me o ouvido
Solto-me... Venho-me...
Esqueço-me de tudo!
Tudo esqueço
Até minha condição precária!

Do homem para homem

Busquei com ardor a liberdade
Construí castelos de esperança
Rasguei vendavais abri atalhos
Quebrei galhos...

– Fiz-me herói: – Ganhei!
Os rios cederam meus anseios
Manhãs a tudo anuíram
A cada dia novos manjares

Cada sonho...
Meu real elevado!
Esqueci-me dos pedintes
Dos mendigos outrora...

Agora...
Meus inimigos
Sou dono do mundo

(Des)abafos

Murmuro-te com olhar:
– Oh suplício infindo...
Dias vazios sem pão
Noites cheias de solidão

Trago minhas mãos vazias
Trago a dolência no rosto
Tua mansão de muros altos
Cheiro a rico manjar

Caminho entontecido sem dor
Aonde me leva o olfacto:
– Dizem que sou um pária...

– Que importa?
Se no teu desdém
Eu tiro a barriga da fome...

Entre alma e lençol

Uma noite eclipsada amante (in)discreta
Ante o espelho encena o enredo idílico
Pousa nua rodopia de desejo
Um piano de gemidos

Em plena doação nada recusa...
Oh,! Quanta loucura em noites escuras!

Enquanto isso...

Angustiante espera da musa fiel
Entre tecto e tédio
Mora a aliança
Entre alma cheia e lençol vazio!

Kanguimbo Ananaz*

* Kanguimbo Ananaz nasceu no Namibe aos 3 de Fevereiro de 1959. Obra Publicada: «Seio do Deserto» (2002).



O Tempo

Passando pensando
amor aumentando
amando

Como fazer
Fazendo desfazendo
Não sei se sou
Serei

A noite chegando
a estrela apagando
silêncio
tédio
no meu quarto

Sou duro espinho
no jardim da tua casa
picando
lindo cravo

Deixa o tempo
passar
para dar fim
meu castigo de amor



Noite de Luar

Olho para o céu
Estrelinhas perfiladas

Na noite de luar
minha terra iluminada
meninas do bairro
fazendo roda rolando
eu no comando

Que noite deslumbrante
namorados juntinhos
na esquina do botequim
eu comando
a roda
que rola

Sozinha

O teu caminho
chegou tarde
já não arde
em mim a febre

Sozinha
no equilíbrio dos passos
vivia
na esperança das promessas
o fogo do amor
alegria do esperar

Sozinha
no equilíbrio dos passos
na cela 12
vivia quatro paredes
suspirava os sons perdidos
na esperança
na febre do amor
na alegria do esperar

Coração

Abre o teu coração
para mim
fala para mim
mansinho
como luz do luar
ou de rompante
como o sol

Quero chorar
quero chorar para ti
não fiques calado
abre-me
o coração em alegria
em satisfação
tudo te perdorei

Não fiques
não me faças sofrer
abre-te coração
tira esta dor
imploro-te

sinto a tua sensação
a tua emoção
sou tua

Leila dos Anjos*

Leila dos Anjos Morais da Costa nasceu na Província do Kwanza Norte aos 25 de Fevereiro de 1981. Obra publicada: «Anjels» 2005



Meu Lindo Amor

Como posso eu viver? Se o que mais
quero a meu lado não está.
Como posso eu sorrir? Se o motivo
do mesmo já nem sentido faz.
Como posso eu te chamar? Se a minha boca
secou, a minha língua colou-se ao
céu da boca e a minha voz foi engolida
pelo moinho das minhas emoções.

Onde posso te buscar? Se a distância
que nos separa parece a mesma
entre o céu e a terra.

Mesmo assim meu lindo amor
não te esquecerei, porque a tua
imagem cravou-se no altar do
meu coração e firmou raízes tão
profundas que só a morte as
arrancará.

Se é que podes ler o meu pensamento,
se é que estás a ouvir a minha prece,
se me podes ver e sentir a
intensidade do meu sentimento,
por favor não me ignores nem
te afastes de mim, pois desse
amor depende a minha existência.

Lamentos de uma vida descalça

Sentada na sombra do sobreiro descansei,
pensando na vida, vi inúmeras nuvens passar,
que vida... que vida.

Pensei nestes pés que desesperados deambulam
por este mundo afora a busca de sustento,
neste corpo que cansado é arrastado pela
força do vento, nesta cabeça tão oca e vazia,
porque os conhecimentos que possuía foram
devastados pela desgraça, nestas mãos calejadas
e envelhecidas pelos anos de trabalho.

Oh Deus!
Preencha de alegria a minha vida tão
carente de amor, ilumine o meu caminho
escurecido pela falta de esperança...
torne leve a minha cruz.

Nesta vida descalça se nada de espanto,
à sombra do sobreiro descanso,
sobrepondo os meus pensamentos
perdidos num passado distante,
esperando um futuro enriquecido
de felicidade... torne mais leve a minha cruz.

Anjo Meu

Existem muitos anjos...,
no céu e no além
mas na terra também.

E um destes anjos, o Cupido do Amor
fechou o meu coração.

E agora estou apaixonado,
fechado por um anjo e apaixonado por outro,
que ironia do destino!

Mas este anjo é realmente um anjo,
um amor de pessoa que conquistou
o meu coração e os meus olhos.

Quisera eu que este anjo fosse meu,
Anjo meu..., anjo meu ...

Levanta-te e Vai

Porque, aqui parada estou, sem forças
para me poder levantar?
Porque aqui vim para, depois de vários
portos caminhar?

Porque, não sei porque, ainda vou ter
que descobrir, o motivo da minha vida,
a incerteza do meu presente e a
esperança do meu futuro.

Tenho medo e não sei porquê,
tenho fome e não me apetece comer,
tenho sede, no entanto, água não quero beber,
tenho frio e nem sequer o sinto.

Minhas pálpebras pesam, por causa
de uma lágrima insistente, que se
apossou do meu olho e exige sair
acompanhada de outras.

Pare!...
Não consigo mais respirar,
não consigo mais viver assim,
não sou o espelho do mundo
nem tão pouco a resolução dos
problemas dos outros, se te queres
afundar, levanta-te e vai,
mas minha companhia não terás.

Um Grito no Escuro

Na escuridão da noite o silêncio
é sepulcral na boca daquele que
nem uma palavra pode pronunciar,
no peito, o bater descompassado do
seu coração, nas mãos os calos
manchados pelo trabalho forçado,
nos pés, o tique-taque do cansaço
da caminhada do dia, na mente,
a esperança dividida da salvação.

Um suspiro prolongado, denuncia a
saudade que sente da pessoa amada,
uma lágrima caída, fortifica a esperança
de vitória, no sono um sonho cheio de
alegria floresce, e ao acordar a realidade
irradia-o com o raiar do sol.

No peito a pergunta incessante do
futuro que se anuncia. Conto os
dias, conto as noites, conto as horas
que ainda faltam. Fala ao sol, falo à
lua, falo à água que por aqui corre,
serei eu ou serás tu que romperás as
algemas do silêncio e anunciarás a
minha e a tua liberdade de expressão?





Lilia da Fonseca*

Lilia da Fonseca (1961 – 1992)

123





Uma Canção na Noite

Anda subtilmente no ar
uma canção qualquer...
vem do escuro, do vago, da noite...
porque lá fora é noite
e a história da noite,
da vida, do mundo,
freme na voz dessa canção.

E eu quero ser voz e ser acção!
Na minha frente o papel branco
espera, espera, espera...
por tudo quanto eu tenho p'ra dizer-lhe,
e que o pode tornar numa canção de gesta
do mundo que há-de vir,
num ai de amor,
numa blandícia, num suspiro,
numa bandeira ao vento
a rasgar o vento
com o traço de uma ideia...

Mas lá do escuro da noite
vem uma canção...
em que parte da alma é que dói,
quando se é novo e triste e se está só,
e há uma voz que resvala
por remotos caminhos, p'ra nos dizer
aquilo que a nossa boca sem fala
calou?

E a inspiração morreu...
Papel, caneta e tinta
fogem-me na sombra.

A canção é a vida,
a canção é o mundo,
a canção é o amor.

Anda subtilmente no ar
Uma canção qualquer...
a canção sou eu!

Bandeira Branca

Java, Borneu, Coreia, Indochina,
não há mares que nos separem...
na ponta das vossas lanças há um grito!

E esse grito
floresce nos nossos olhos,
baila no nosso peito
e como bandeira branca
palpita nas nossas mãos...

Java, Bornéu, Coreia, Indochina,
a que distância estais vós?
tão perto
que uma linguagem nos basta:
a de uma bandeira branca...

Sobressalto

Amor,
as luas mortas
caíram no segredo deste amor;
fujamos pela praia
embarquemos no vento!

As luas mortas
são mundos apodrecidos...

O nosso amor balbucia
cantigas da era nova
e nas mãos
temos o húmus adubado e quente
para o jardim redolente
para a seara de pão
para a seara de amor...

Nada nos serve fugir
pior que fantasmas
são os miasmas
dos mundos apodrecidos...

Amor,
nos vales ermos, esquecidos
de toda a flor,
de todo o riso,
do amor ao amor,

das madrugadas e dos pássaros,
(fechadas todas as portas
ao susto e à escuridão,
com um beijo verde de esperança
cantando no coração)



Amor,
enterremos as luas mortas...



Maria Alexandre Dáskalos*

* Maria Alexandre Dáskalos nasceu no Huambo em 1957. Obras Publicadas: «O Jardim das Delícias» (1990), «Do Tempo Suspenso» (1998) e «Lágrimas e Laranjas» (2002).





talvez o nosso corpo
seja pequeno
para ser a casa
do amor

que não guarda só indícios
e
não troque só sinais e entregas
que não seja tranquilo
nem fiel à rosa
e ao da lâmina

A ternura de um pequeno adeus
tem o sabor
de um vinho adamascado sem idade.

O teu olhar lembra-me
o cheiro do seu mosto.

Cantamos o vinho
bebemos despedidas.



O amor é fiel
à saudade
e a arte
é colher do sonho dela
açucenas



Primeiro amor. Vivi aí.
Casa grande de janelas abertas
para o verde, chave do nosso coração.
Meninos de bom Deus com histórias diferentes
e o mesmo temor e segurança.
Tudo tinha muita cor
como as asas pitandas de fresco
e as ruas debaixo da sombra das árvores.
Dos jardins víamos os novos modelos dos carros
dos anos setenta.



Havia concertos para piano sem orquestra.
E, às vezes, mulheres, loiras muito loiras
cantavam músicas de nós desconhecidas.

Posávamos para os fotógrafos,
moças virgens esperadas à saída das aulas
e ouvíamos «If you are going to San Francisco».
As fotografias dessa época estão em casa das tias
e os nossos olhos de terra ou de água ou de noite
não são o que eram: por isso, continuam os mesmos.

Ondularam as cortinas levemente
como a última brisa
para lá da sebe junto aos muros baixos
oiço o barulho das árvores
imensas e antigas
e lembra-se um andamento
das Fantasias de Schumann.
Primeiro amor. Vivi aí.

Quando não há mentira
mas a razão no mistério,
como na mais antiga loucura,
nem os meus cabelos brancos
me impedem de ser grega
ao abrir a caixa do correio.

Fugi do ouro dos teus sonhos
e
perdi a juventude



Saudade
daquela noite em Paris
em que um amigo judeu
nos trouxe laranjas para o jantar



Candura –
sonhar o futuro,
esquecidos das laranjas.

Trouxeram-me as cartas de amor
de Fernando Pessoa.

Se estivesses viva
ficarias como eu surpresa
com o poeta das nossas vulgatas
comentadas à revelia da madre superior.
Com a guerra
perdi as cartas de amor

Aquelas mulheres do Huambo
ensinaram-me os segredos
do licor de pitanga, dos bilros,
da poesia e do pão.
Elas continuaram ao meu lado
quando fui mãe
- folhos de ternura no teu berço
lãs macias, cantigas antigas.

No vosso regaço para sempre
a minha dor.
Mulheres do Huambo.



Escoa-se toda a chuva
num dia de sol.

Um violino na chana
e uma mulher fazendo-o
Chorar.

Maria Celestina Fernandes*

· Maria Celestina Fernandes nasceu no Lubango aos 12 de Setembro de 1945. Obras Publicadas: «A Borboleta Cor de Ouro» (1990), «Kalimba» (1992), «Retalhos da Vida» (1992) «A Árvore dos Gingongos» (1993), «A Rainha Tartaruga» (1997), «A Filha do Soba» (2001), «Poemas» (1995), «Presente» (2003), «O Meu Canto» (2004) «Os Panos Brancos» (2004) e «A Estrela Que Sorri» (2005).



Dia da Mãe

Mãe,
Que carregas no ventre por nove luas
Sem queixume,
O peso de nosso corpinho
Intrinsicamente ligado a ti
Pelo cordão umbilical;

Que libertas de tuas entranhas
Com coragem
Entre suor e dor
A vida anunciada
Pelo nosso primeiro choro de desapontamento;

Que nos ofereces o nutritivo suco de teus seios
Com prazer,
Vigiando entre mil cadilhos
Nosso desenvolver.

Para ti mãe,
Fontanário da vida,
Um bouquet de rosas cor da humanidade,
Neste teu dia.

Março Mulher

Manhã cedo,
Portas e janelas de nossas almas
Se abriram
Para da brisa matutina,
Nossos pulmões
Se alimentarem.

A brisa
Que nossos pulmões saciaram,
Tinha sabor diferente.
O gosto era mais temperado sem dor!
O gosto era melhor degustado
Porque servido fora dos horrores
Dos campos de batalha!

Esta brisa diferente,
Porque de harmonia condimentada;
À alva pomba
Símbolo de Paz
Se assemelha...

– E,
Tal como o vôo livre da ave,
Nossos cânticos,
Nossas preces de mulheres,
Clamando por Paz e Amor
Romperão as teias de ódio
Que engravidam ainda
Ouvidos rancorosos.

A paz ora anunciada,
Porque gerada com fé e esperança,
Como a brisa suave
Desde 8 de Março,
– Março Mulher –
Ficará para sempre!

Solitária

Só, perdidamente só,
Enclausurada entre paredes
Do recanto nocturno,
Regelado, entretanto,
Pela angústia da solidão.

Noite adentro,
Pensamento obstinado em alguém,
A criatura desejada
– Ausente/presente pela cumplicidade do seu odor,
Entranhado no vasto leito
– Inconfortável, contudo,
Pela ausência de partilha...

Da mente doentia,
Passam e repassam em dessincronia desfile de ideias.
Descartam-se desilusões
Pelo tempo queimado em busca do desejado;
Sedimentam-se frustrações:
Avizinha-se um futuro de solidão...

Amar

Amar é dar-se
ainda que silenciosamente.

Ama-se:
quem se quer,
quando se quer,
onde se quer.

Amar é sentimento livre de dois gumes,
ora magoa,
– se incompreendido e rejeitado;
ora reconforta,
– se retribuído e partilhado.

Amar é como o alimento da chama
que exige constância
para mantê-la acesa,
senão ela se extingue
deixando atrás de si a fria cinza.



Canto ao Amor

Haverá alguém
que nunca sentiu o calor do amor,
alguém que não tenha amado
uma vez que seja?

Amar é viver
e quem não descobriu o amor,
ainda que não creia,
está encurralado nas trevas.
– dissociado, por isso,
da própria vida.



Felicidade

És feliz agora?
Então goza intensamente cada segundo
disto que pensas ser a tua felicidade,
pois pode ser momento efémero e singular
tal qual a água do rio
que apenas uma única vez transcorre
pelo curso que lhe é naturalmente traçado,
sem retorno possível...

Angústia

A minha angústia
não é mera ilusão
para espantar os kazumbis
que ensombram as infindáveis noites de insónia;

é tão somente a grande desilusão
de viver/andar em permanência de mãos dadas
com a dor/sofrimento,
dor que não é só minha
diferente só, talvez, na forma de sentir;

é essa ansiedade obstinada
de ver os meus irmãos
renunciar a destruição generalizada
que se propuseram edificar,
dessa forma tão obstinada...

Minha Mãe

Sonho
Sonhos tão doces, mãe!

Sonho
Como se de mim nunca te tivesses apartado:
Falas comigo, ris comigo
Sempre me protegendo como anjo de guarda!

Minha Mãe!
Se lá onde estás for permitido
Captar mensagens da terra
Quero que saibas que quanto mais
No tempo se distancia o dia em que partiste
Mais sinto a tua falta,
E não te entristeças com as minhas lágrimas de
[saudade.
– Às mães deveria ser interdito morrer...

Lágrimas Invisíveis

Minhas lágrimas
Se tornaram invisíveis para o mundo.
Eu, somente eu,
As vejo jorrar pelos olhos abaixo
Frente ao macerado espelho da velha cómoda,
– resquício de mobiliário há muito herdado –,
E, ao desaguarem em minha boca,
Oh, quão amargo é o sabor do seu condimento!

Maria Amélia Dalomba*

· Maria Amélia Dalomba nasceu em Cabinda aos 23 de Novembro de 1961.
Obras Publicadas: «Ânsia» (1995), «Sacrossanto Refúgio» (1996), «Espigas do Sahel» (2004) e «Noites Ditas à Chuva» (2005).



A Saudade

A saudade
desse amor
que sinto
molda-me
O olhar
que hoje
sei triste
ponha-me
a afirmar
que
o amor existe

Esconde-me
na alma
exala
tortura
expressão
insana
a saudade
desse amor
que sinto



Aos Teus Olhos

Por serem meus ainda
os olhos
que em teus olhos vejo

Não preocupa
a saudade
nem mesmo
a maldade
de saber
quem dirá

Dedicação

Tiraste-me
o coração
com tua mirada
ousada
não queiras
devolvê-lo
agora
com timidez
disfarçada

Não o quero
eu já de volta

Amor meu
eu o dispenso

Por sabê-lo
tão clemente
dedicado
e persistente
sei que a ti
fará mais falta...

Aquele Sorriso

Quando a nuvem passar
a chuva
Desprender sobre os campos
Seus pingos que entoam
Baladas autênticas que
abafem meu pranto

Voltarei

E sei que teus lábios
Se abrirão naquele sorriso
Ah! aquele sorriso
Que encanta tão bem



Sem Palavras

Para ti

Mãe
Palavras não cobrem
esse ardor tão estranho

esse pesar tamanho
quando
Penso em ti

Saudade Mal de Amor

Que saudade
Do teu
meigo
Olhar
Saudade
Da imensidão
estreitada
em cada
abraço

Sinto
amargura
ao tactear o vácuo
Imenso
que ontem
cobrias
tão
apaixonadamente
em minha
mente
se
estende
um manto
enorme
De saudade

Herança de Morte

Lírios em mãos de carrascos
Pombal à porta de ladrões
Filho de mulher à boca do lixo
Feridas gangrenadas sobre pontes quebradas
Assim construímos África nos cursos de herança e morte
Quando a crosta romper os beijos da terra
O vento ditará a sentença aos deserdados
Um feixe de luz constante na paginação da história
Cada ser um dever e um direito
Na voz ferida todos os abismos deglutidos pela esperança



Ai de Amor

O vagabundo rebusca nos bolsos da compaixão
Um ai de amor
Ainda que a estrela da manhã seja um saco



Mulher de Dor e Flor

Essas mulheres que aí vedes suturam lanhos profundos
ao romper criança
Regeneram cada fibra rubra de dor
Deliciam-se com os cadáveres das plantas arrancadas sem
dó
A que chamam flor



Maria Eugénia Neto*

· Maria Eugénia Neto nasceu em Trás-os-Montes (Portugal) aos 8 de Março de 1934. Obras Publicadas: «E nas Florestas os Bichos Falaram», Prémio de Honra da Comissão Cultural da então RDA (1977), «Foi Esperança e Foi Certeza» (1976) e «O Soar dos Kissanges» (2000).



Hoje decidi-me minha folha branca
Falar-te da tristeza
Que me turba os olhos

Há tanto tempo que esta angústia
Se vem acumulando dentro de mim
Como em sedimentos
Que com o tempo e o peso
Se tornaram rochas
Cristalizando a dor

A angústia das horas solitárias
Todas iguais
E a necessidade de ver o verde dos campos
De sentir o cheiro das flores
O barulho das torrentes
O remexer das águas
O renovador que traz a Primavera

Oh esta solidão esta angústia
O desespero à minha volta
Nas horas solitárias

Esta solidão em todos os olhares
E a crescer dentro de mim
A crescer
A crescer
A crescer
A ânsia enorme duma vida nova

Asas Brancas dos Confins do Meu Sonho

Dos confins do meu sonho
Eu estendo asas brancas
Sobre o ódio sobre a dor
Sobre a tristeza e o desespero

Dos confins do meu sonho
Envio-te o elo da amizade
Que faz palpitar os homens justos
E os faça unir as mãos
E construir já o porvir
E venham torrentes e vendavais
Plenos de vida e de energia
Mostrar como é puro o meu anseio

Eu estendo asas brancas
Sobre o desespero de querer ser audaz
E ser vencido pela timidez
Devendo avançar e não dar o passo
Fechando-se e metamorfoseando-se
Como crisálidas em casulos

Eu estendo asas brancas
Intercalando-as no caminho dinâmico da vontade
E sobre a impotência de não poder libertar-se
Dos elos que amarram os homens aos seus erros



Asas brancas dos confins do meu sonho
Para que a fraternidade seja uma conquista
E os homens verdadeiramente sejam homens



Amor

Meu amor
meu amado.

Tanto tempo já
que a noite solitária
é minha companheira.

Tanto tempo já
que a tua ausência
se insinua
e me amargura
ainda que resista
à tua busca.

Se te procuro
a tua voz é silente
os lábios mudos
as mãos paradas

Ah! Meu bem amado
porque partiste
nesse silêncio
deixando-me assim
neste desamparo?

Chuva

Chove.
É um descer de lágrimas
caindo de mansinho
como se o céu
me beijasse...

É um tecto de água
em fragmentos
que acaricia
e penetra fundo
são flores rebentos.

É a primavera
a crescer, além
para lá do mar
e das Colunas de Hércules
que me está a chamar...

Ah! meu amado
esta chuva poderia ser
um beijo de amor
bem aconchegado
num leito ansiado.

Paisagem

Amor
a terra abre-se
em curvas de oval
a insinuar calotas
ao fundo
o rio cantando
a canção eterna
de ser água.

Tudo verde
as chuvas
ressuscitaram as sementes
e à vista
é uma orgia de esperança.

Estendo as mãos
a querer tocar a seiva
e o verde e o amarelo e o azul
da erva e das flores
correm nas veias
palpitantes
cintilantes
ao sonho do olhar.

Meu amor
tudo isso é teu.

Ser Mar

As ondas
iam e voltavam
e as areias fulvas
abriam regatos
que se reuniam
ao voltar da onda.

Os búzios
lá nas profundezas
retêm o bramido
das ondas do mar.

As correntes passam
e arrastam
golfinhos
peixes – lua
baleias
sereias...

Ah! ser onda
para cantar
a imensidão do mar
as suas correntes
as algas e as conchas.

Ser mar
e a sua voz
teu nome murmurar
numa canção
de embalar.
Ser mar...



Maria Fernanda da Silva Baião*

* Maria Fernanda da Silva Baião nasceu em Luanda aos 2 de Agosto de 1961. Obra Publicada: «Minha Lágrima» (2003).



Ânsia

Porque não te sinto amor?
Nem sexo
Nem orgasmo
Na compaixão do meu corpo!

Fervilha nas veias
Meu desejo
Corre pelo corpo dentro
Ânsia de ser possuída

Rebento nas veias
Me sinto em suspense
Na fraqueza trémula
Das articulações

Morra eu e meu desejo
Se ser possuída
Com sucessões de orgasmo
No juízo final

Hoje Sou

Hoje sou!
No meu dia
Mergulho
No orgasmo da indecisão.
Prematura! Remota

Não choro
Tenho glórias
Na volúpia que ascende
Masturbação do cérebro

No meu dia
Sou!
Mergulho vespertino
Ensaio do desejo

Quem

Quem me fará sorrir
Quem me fará gritar
O grito calado do meu peito?!

O peito rejeita a alma
Angústia transborda e soma
No rosto surrado de dor

Quem me fará falar?
As palavras engolidas
No íntimo
Quando elas flutuam
Sem sentido no leito

Quem me fará pensar
Na consciência rasgada
Dos meus dias
Sem glória e sem luz

Escrevo nova história
Sorrisos e glória
Na tristeza de ontem
Nasci de novo
Sem passado



Finalmente

Do canto Robusto
Saltei o arbusto
Que se fez sinistro
Na foz do maestro

Melodia intacta
Harmonia cantada
Qual estrada cortada
Nos pés. Caminhada

Paula Tavares*

Ana Paula Ribeiro Tavares nasceu na Huíla aos 30 de Outubro de 1952. Obras Publicadas: «Ritos de Passagem» (1985), «O Sangue da Buganvília» (1998), «O Lago da Lua» (1999) e «Dizes-me Coisas Amargas Como Frutos» (2001).



O Mirangolo

Testículo adolescente

purpurino

corta os lábios ávidos

com sabor ácido

da vida

encandesce de maduro

e cai

submetido às trezentas e oitenta e duas

feitiçarias do fogo

transforma-se em geleia real:

ILUMINA A GENTE.



A Nêpera

Doce rapariguinha-de-brincos

amarelece o sonho

deixa que o orvalho

de manso

lhe arrepie a pele

SABE A POUCO.

O Amor Impossível

a flamingo cor-de-rosa

saiu do mangal

alisou as penas uma por uma

pintou de azul, o bico

e

de brincos

pousou no sol às seis da tarde

passeou o Lobito com

passinhos breves

e cansada, perfilou-se

num pé só

à sombra da distância...

ABRIU O OLHO, TORNOU-SE BÍPEDE



CORREU

MUITO APRESSADA

ATRÁS DO PEIXE PRATA



O Lago da Lua

No lago branco da lua
lavei meu primeiro sangue
Ao lago branco da lua
voltaria cada mês
para lavar
meu sangue eterno
a cada lua

No lago branco da lua
misturei meu sangue e barro branco
e fiz a caneca
onde bebo
a água amarga da minha sede sem fim
o mel dos dias claros.
Neste lago deposito
minha reserva de sonhos
para tomar.

Mukai (3)

(Mulher à noite)

Um soluço quieto
desce
a lentíssima garganta
(rói-lhe as entranhas
um novo pedaço de vida)
os cordões do tempo
atravessam-lhe as pernas
e fazem a ligação terra.

Estranha árvore de filhos
uns mortos e tantos por morrer
que de corpo ao alto
navega de tristeza
as horas.

Amada
vestiste os passos de chuva
para assistir ao meu fim.
Vens com os mesmos passos
das noites antigas
quando, vestida para o amor,
me preparavas o tempo
com os óleos sagrados da espera.
Amada
tens os olhos vermelhos
do sal e da culpa.
Os celeiros estão vazios
as crianças sem leite.

O Cercado

De que cor era o meu cinto de missangas, mãe
feito pelas tuas mãos
e fios do teu cabelo
cortado na lua cheia
guardado do cacimbo
no cesto trançado das coisas da avó

Onde está a panela do provérbio, mãe
a das três pernas
e asa partida
que me deste antes das chuvas grandes
no dia do noivado

De que cor era a minha voz, mãe
quando anunciava a manhã junto à cascata
e descia devagarinho pelos dias

Onde está o tempo prometido p'ra viver, mãe
se tudo se guarda e recolhe no tempo da espera
p'ra lá do cercado

Mulher VIII

Que avezinha posso ser eu
agora que me cortaram as asas
Que mulherzinha posso ser eu
agora que me tiraram as tranças
Que mãe grande mãe posso ser eu
agora que me levaram os filhos

As Viúvas

Devorei a carne do boi do fogo
tudo até ao fim e o coração

No entanto
Kalunga, oh Kalunga,
como estou necessitada
como preciso de sorte.
Aqui a fome é tanta
que as mulheres devoraram a carne dos bois dos homens
e as que eram virgens envelheceram
ninguém cumpriu os preceitos
e agora somos viúvas da floresta
e temos os sonhos perdidos

E o pai no princípio
tinha amarrado os peixes
e o pai no princípio
tinha soltado a chuva
a vaca voltava todos os dias
e não estava sozinha
tinha as tetas cheias
e os passarinhos.
Agora, Kalunga, oh Kalunga,
traz-nos o sossego, o sono
a gordura das rãs
os nossos ciclos de sangue
e os passarinhos.

A Mãe e a Irmã

A mãe não trouxe a irmã pela mão
viajou toda a noite sobre os seus próprios passos
toda a noite, esta noite, muitas noites
A mãe vinha sozinha sem o cesto e o peixe fumado
a garrafa de óleo de palma e o vinho fresco das espigas
[vermelhas
A mãe viajou toda a noite esta noite muitas noites
[todas as noites
com os seus pés nus subiu a montanha pelo leste
e só trazia a lua em fase pequena por companhia
e as vozes altas dos mabecos.
A mãe viajou sem as pulseiras e os óleos de protecção
no plano mal amarrado
nas mãos abertas de dor
estava escrito:
meu filho, meu filho único
não toma banho no rio
meu filho único foi sem bois
para as pastagens do céu
que são vastas
mas onde não cresce o capim.

A mãe sentou-se
fez um fogo novo com os paus antigos
preparou uma nova boneca de casamento.
Nem era trabalho dela
mas a mãe não descurou o fogo
enrolou também um fumo comprido para o cachimbo.

As tias do lado do leão choraram duas vezes
e os homens do lado do boi
afiaram as lanças.

A mãe preparou as palavras devagarinho
mas o que saiu da sua boca
não tinha sentido.

A mãe olhou as entranhas com tristeza
espremeu os seios murchos
ficou calada
no meio do dia.



